

## **INFÂNCIA E SOCIEDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DE ATIVIDADE OBSERVACIONAL DE CRIANÇAS NA CIDADE**

*Luana Alves Ferraz*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

*Ana Lúcia Castilhano de Araújo*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

castilhano@yahoo.com.br

**Resumo:** Este texto objetiva apresentar a experiência desenvolvida em uma disciplina do curso de graduação em Psicologia de uma universidade pública no interior baiano. A experiência desenvolvida foi observar crianças em seu próprio meio social, considerando a cidade como lugar de socialização e vivência infantil fundamental para a compreensão das infâncias no mundo contemporâneo. Apresentamos aqui o relato da observação com algumas reflexões sobre infância na cidade e ambiente social da criança, assim como aproximações e ponderações a partir das atividades desenvolvidas na disciplina de graduação intitulada Infância e Sociedade. A orientação para a realização da atividade, bem como para a problematização das observações partiram da sociologia urbana discutida na obra de Robert Park (1967). Algumas reflexões sobre o papel da observação, especialmente a do tipo aqui apresentado, também são discutidas no contexto de formação do psicólogo.

**Palavras-chave:** Formação do Psicólogo. Espaço urbano. Educação infantil.

### **Introdução**

A observação não é um procedimento tão simples quanto se imagina inicialmente. Ela demanda não só atenção, mas também sensibilidade e o mais importante (e mais difícil de conseguir): a consciência de que o que é escolhido para ser relatado no trabalho ao qual a observação se destina tem um recorte, um direcionamento do olhar do observador que é influenciado por seus valores, seu desenvolvimento enquanto sujeito, seu estado psicológico no momento. Isto é o mais difícil e mais fascinante das ciências humanas: o entrelaçamento entre estudioso e objeto de estudo. Tal fato demanda um desenvolvimento do pesquisador que vai muito além do domínio teórico, pois perpassa crenças e a disponibilidade para admitir que seu trabalho provavelmente aborda um determinado ângulo sobre a questão, uma visão particular dos fatos, por mais que sejam utilizados recursos para tentar minimizar esta influência subjetiva, como o

treinamento dos observadores, o cálculo da concordância entre duas pessoas e o uso de vídeo (CANO & SAMPAIO, 2007).

Como campo científico, a Psicologia também está sujeita a esses fatos: não importa qual seja a área de atuação ou a abordagem teórica utilizada, o instrumento de trabalho (o psicólogo *per si*) é um ser humano com um universo subjetivo imenso, e este instrumento está em relação com outro ser humano cuja subjetividade também é de uma riqueza imensurável. A realização de uma observação exige alguns cuidados. Fatos são descritos da maneira mais “imparcial” possível, mas a escolha do ambiente no qual aquele trabalho ocorrerá e o foco que será dado a um ou outro fenômeno como algo que “vale a pena” ser relatado são marcadamente influenciados pela subjetividade do observador. Qual é a classe social predominante naquele ambiente escolhido? É um local residencial? De comércio? Qual o dia da semana? Turno? O foco foi a interação entre pares, questões de gênero, movimentos de entrada e saída no ambiente...? Toda pesquisa também fala um pouco sobre o pesquisador, e ter esta consciência permite que a ciência se desenvolva da maneira menos alienada possível.

Historicamente observam-se visões opostas sobre a acurácia da observação enquanto um método científico. Alves (1998) afirma que na década de 1940, com a influência do behaviorismo, a observação era considerada uma técnica complementar à experimentação. Dessen & Murta (1997) e Kreppner (2001) complementam afirmando que nesta época a observação era considerada como de menor valor pela interferência do observador no meio pesquisado, o que levaria à ausência do rigor científico e da objetividade necessárias a um estudo. Por outro lado, a observação foi considerada de grande importância ao se estudar especificamente a infância, ponto de vista influenciado pelo referencial teórico da Psicanálise (PICCININI E COLS, 2001 *apud* CANO & SAMPAIO, 2007).

A visão psicanalítica da observação influenciou o desenvolvimento de métodos que consideram também o pesquisador, tal como o Método de Observação Psicanalítica Mãe-Bebê, de Esther Bick. Este método é caracterizado pela observação direta no ambiente natural do recém-nascido, com orientações tais como um dia fixo para a observação realizada semanalmente e descrição detalhada dos fatos, inclusive das “(...) vivências e sentimentos do observador frente à diáde e em relação a si mesmo (triáde)” (CANO & SAMPAIO, 2007).

Há também a observação naturalística, que ocorre no ambiente em que o fenômeno acontece e com o diferencial da possibilidade do pesquisador poder estar inserido no contexto ou fora dele (COZBY, 2003 *apud* CANO & SAMPAIO, 2007). Dessen e Murta (1997) ressaltam que as observações naturalísticas, por ocorrerem no hábitat do fenômeno estudado, permitem o acesso a características comportamentais que talvez não sejam acessíveis em laboratório. Mas as autoras também reconhecem que podem haver desvantagens com a presença do observador no contexto, apesar da melhor validade externa. Percebe-se nestes métodos uma tentativa de integrar a necessidade de acurácia científica com a consciência das limitações do instrumento de trabalho, que é o próprio observador.

Assim, podemos refletir sobre a importância da observação, não apenas no campo da pesquisa, mas também para a formação do psicólogo. Danna e Matos (2006) afirmam que o método da observação naturalística é relevante especialmente para entender o que os indivíduos fazem e sob quais circunstâncias. Fagundes(1999) afirma que:

A observação comportamental é importante para psicólogos, modificadores do comportamento e pesquisadores, servindo-lhes como um instrumento de trabalho para obtenção de dados que, entre outras coisas, aumentem sua compreensão a respeito do comportamento sob investigação. (FAGUNDES, 1999)

Desta maneira, o trabalho do psicólogo em diversos espaços, tais como escolas, empresas, hospitais, dentre outros, necessita não apenas do conhecimento teórico e técnico, mas principalmente de um olhar acurado para captar as nuances dos acontecimentos, bem como os sujeitos em relação com o meio e com seus pares. É de suma importância que esta habilidade seja desenvolvida desde o começo da formação, pois também vai possibilitar um olhar mais crítico em relação às teorias e mais investigador em relação aos fenômenos, apreendendo o ser humano o mais próximo possível da sua totalidade, bem como auxiliando na produção do conhecimento científico.

Dados de pesquisas também mostram que nos últimos anos, conforme Cano e Sampaio (2007), a Psicologia passou a se preocupar mais com o estudo dos indivíduos em relação uns com

os outros e com o meio, ao contrário do foco anterior no indivíduo isoladamente: a maior parte dos artigos utilizando o método observacional data de 1986 a 2006.

É extensa a discussão sobre o papel e a evolução das metodologias de pesquisa nos estudos sobre crianças e infâncias, pois a abordagem dos sujeitos não só pode determinar os resultados como também indica a concepção adotada para se pensar os contextos. Neste caso, os próprios conceitos de infância e de sociedade, que podem ser apreendidos a partir da abordagem metodológica.

Outro ponto a ser destacado nessa discussão refere-se à importância de se desenvolver observações com crianças. A observação como ponto alto de estudos etnográficos sustenta e colore pesquisas que apontam dados qualitativos como importantes dados sobre as populações. Como metodologia para o estudo de crianças, a observação ganha significado destacado no contexto da produção de conhecimento.

Segundo Martins Filho e Barbosa (2010) “há forte tendência para o uso da etnografia em pesquisas com crianças”, ressaltando a contribuição desta área para auxiliar o pesquisador a dispor de alternativas mais criativas e melhorar o contato com os sujeitos observados. Para os autores, a etnografia é importante, inclusive, para ressaltar o contexto em que se realizam a pesquisa. Ressaltamos aqui as peculiaridades dos sujeitos crianças que tornam necessário o uso de metodologias diversas, como discutido por Corsaro (2011).

Robert Park (1967) considera a cidade como um laboratório social a partir do qual podemos levantar dados e informações sobre a vida urbana pelo método empírico. (SANTOS, 2013). Considerando a cidade como meio no qual os indivíduos interagem, o texto de Park sobre a investigação do comportamento humano no meio urbano faz surgir indagações sobre de que maneira as crianças influenciam este ambiente. Podemos pensar, por exemplo: quais as diferenças observadas no espaço físico em vizinhanças com maior número de crianças? E de que maneira a infância influencia ou é influenciada pela mobilidade de uma população? E, talvez ainda mais importante, de que maneira a presença de crianças influencia no momento psicológico de uma sociedade? Estas são indagações importantes para pensar a infância não apenas fora das quatro paredes de um consultório, mas também além do espaço mais utilizado nas pesquisas sobre esta fase da vida, que é o ambiente escolar. Tais problematizações são indispensáveis se a Psicologia

como um todo (e não apenas a da infância) quiser se renovar e construir um conhecimento que pense a subjetivação dos indivíduos nesses novos tempos.

Park oferece reflexões muito interessantes sobre o conceito de *vizinhança*, a menor unidade local da cidade. Segundo o autor a vizinhança possui uma dinâmica própria, que pode ser considerada como funcionando à semelhança da “mente social”, pois apresenta uma definição de contornos bastante clara (as paredes do condomínio, que funciona como um “bairro”, não possuindo relação com as outras construções ao redor), além de uma “perfeição orgânica interna” (a supracitada dinâmica própria do local) e reações imediatas particulares àquele ambiente.

O autor oferece algumas indagações que são importantes ao se observar a vizinhança, de maneira a ter uma noção mais acurada de sua dinâmica interna:

O que queremos saber dessas vizinhanças, comunidades raciais e áreas citadinas segregadas, existentes dentro das grandes cidades e em suas orlas externas, é o que queremos saber de todos os demais grupos sociais: Quais são os elementos de que se compõem? Em que medida são eles o produto de um processo seletivo? Como as pessoas entram e saem do grupo assim formado? Quais são a permanência e estabilidade relativas de suas populações? O que existe com relação à idade, sexo e condição social das pessoas? O que existe com relação às crianças? Quantas nasceram e quantas permanecem? (PARK, 1979)

Mas por que observar estes aspectos? E principalmente, por que observar a criança na cidade?

Com relação à primeira pergunta, Park ainda nos oferece reflexões esclarecedoras: o autor afirma que a cidade não é apenas física, não é uma construção artificial. Ela está envolvida nos processos vitais dos sujeitos, sendo um produto e uma expressão da natureza humana. Mas ela não é apenas uma estrutura que surgiu para atender às necessidades de seus habitantes; a cidade também se impõe a eles e os molda, sendo este um sistema circular de influências.

Quanto à segunda pergunta, a observação de crianças nos seus outros espaços de vivência é uma prática que deve ser incorporada pelos educadores e psicólogos, bem como na formação destes profissionais e pode lançar luz a várias indagações antigas acerca da infância, visto que as

interações dos sujeitos em um determinado espaço são reflexo de interações em outros locais, por sermos sujeitos multideterminados.

Uma das observações realizadas ocorreu em um grande condomínio da cidade localizado em um bairro afastado da região central, porém próximo de um dos locais de classe média-alta da cidade. Esta região é próxima da maioria das faculdades da cidade, duas públicas e três particulares, razão pela qual o condomínio também tem como residentes muitos estudantes. O local é um conjunto de prédios, que são divididos em vários condomínios. Em comum esses prédios geralmente tem uma área de convivência no centro do terreno, onde há uma praça, uma piscina, uma quadra e um parque.

Não se observou crianças nas piscinas, apenas adultos. Logo notou-se que em torno das piscinas existem grades de proteção, para dificultar o acesso e evitar acidentes, já que este espaço é anexo ao parque. Havia algumas crianças pequenas, que aparentam ter cerca de 2 ou 3 anos. Os pais destas ficavam com um olhar mais atento, sempre as acompanhando. Já as crianças de 6, 7 anos em diante tinham maior liberdade para correr e brincar. Outro fato interessante é que os pais tendiam a ficar sempre reunidos e sentados em bancos um pouco mais afastados, o que mostrou que este momento também é de importância para a socialização dos adultos. No momento só havia um pai, e aproximadamente 8 ou 9 mães. Algumas crianças um pouco maiores chegaram desacompanhadas dos pais.

Na entrada do parquinho havia uma placa na qual estava escrito “Proibido Animais”. A área era muito verde, com muitos coqueiros, algumas partes gramadas e floridas, e brinquedos bem coloridos, pintados de vermelho e azul. Existiam placas informando que os brinquedos eram exclusivos para crianças, e alguns inclusive apenas para crianças de até 10 anos. As casas do parquinho eram bem pequenas e cobertas, mas o restante do espaço não tinha nenhuma proteção.

As crianças que estavam brincando na quadra eram um pouco maiores, aparentando ter entre 10, 11 anos. Havia cerca de 8 crianças brincando no local, jogando futebol. Todos eram meninos e usavam chuteiras. Próximo ao final da tarde uma criança foi para a piscina infantil (existiam duas no prédio, esta e a adulta), com uma pessoa a acompanhando. Neste horário algumas crianças também começaram a sair da região do parquinho e transitavam entre os prédios. Notou-se que o olhar do adulto está sempre presente. No início da observação havia apenas um

pai, porém mais tarde chegaram outros dois, para olhar os filhos. Outro fato é que os pais geralmente são adultos mais jovens, aparentando ter em torno de 34 anos, em média.

Notou-se que conforme o tempo passou a quantidade de crianças diminuiu: ao final haviam apenas 3 crianças andando de bicicleta: 2 eram irmãs e estavam acompanhadas pelo pai, que filmava e tirava fotos.

Não foi observada nenhuma criança negra: uma hipótese possível para este fato tem a ver com a questão socioeconômica e de localização do condomínio. No final da tarde os meninos não estavam mais brincando na quadra divididos em dois times: neste momento haviam duas bolas, então não disputavam como outrora. No início todos estavam brincando de chuteiras, e posteriormente todos ficaram descalços.

Algum tempo depois chegou uma criança de colo cuja mãe sentou-se junto das outras, e essas mulheres começaram a conversar e brincar com a criança, que estava bem agasalhada. Existem alguns brinquedos para crianças menores, como um escorregador, e nestes alguns pais auxiliavam na brincadeira.

Uma criança não compreendia como funcionava determinado brinquedo, e neste momento uma mulher (provavelmente a mãe) auxiliou a criança e a explicou como o mesmo funcionava.

O que primeiro chamou atenção no espaço foi a questão das grades na piscina: esta já seria uma diferença no espaço físico provocada pela presença de crianças, ainda que em um local privado. Um dos pontos mais interessantes é notar que o olhar dos pais e mães (em sua maioria) estava presente durante todo o tempo. Isto é algo que se observa em todos os espaços com um elemento voltado para a diversão das crianças (*shopping center*, praças, etc): o olhar de vigilância está presente para qualquer eventualidade, mesmo que de longe como se observou no condomínio, no qual havia um grupo de mães um pouco afastadas, mas ainda vigilantes.

Destaca-se nesta observação a vigilância constante por parte dos adultos, sempre cercando as crianças, especialmente as muito pequenas, com idade abaixo de 6 anos. Os condomínios fechados são redutos da nossa década para a “segurança da família”, conforme é tão alardeado nas propagandas destes empreendimentos imobiliários. Apesar dos condomínios venderem a idéia de segurança aos seus moradores, aparentemente isso ainda não convence pais de crianças pequenas, que se aplicam a acompanhá-las nas áreas comuns e de lazer. Uma das questões que surgiram a

partir do estudo do texto de Ezra Park é de que maneira a infância influencia no momento psicológico de uma sociedade. Aqui vemos esta questão, mas também o oposto: a maneira segundo a qual o momento psicológico de uma sociedade influencia a infância. E como se pode observar por meio das mídias, a sociedade busca segurança acreditando que a insegurança ameaça cada canto do ambiente social moderno. E certamente, ameaças a crianças como seqüestros e ataques de pedófilos não só assustam as famílias como são assuntos de conversas em diversos grupos sociais. Mas para além disso, devemos observar também o cuidado com a criança diante do ambiente dos condomínios, planejado para pessoas de várias faixas etárias. Desta forma, não se trataria de um lugar para crianças apenas, mas para a família. Assim, as piscinas, quadras de esporte, demandariam supervisão por parte dos adultos em relação aos pequenos. Parece lógico, mas este fato social nos apresenta muito mais sobre um determinado momento histórico do que um comportamento natural.

Nunes e Muller (2014) concordam que a cidade é um campo privilegiado para a pesquisa com crianças. Para as autoras,

A concepção de criança como um ser incapaz, passivo e completamente dependente é maximizada quando deslocamos o nosso olhar para o contexto da vida pública, para o espaço da cidade. Isto pode ser tanto observado na própria tradição sociológica bem como no mundo social, principalmente no comportamento dos adultos em relação à criança nos médios e grandes centros urbanos. (NUNES & MULLER, 2014)

Uma experiência pessoal de uma das autoras ilustra o contraste com esta questão da vigilância mesmo em locais pretensamente “seguros”. Em uma visita ao povoado de uma minúscula cidade do norte da Bahia, notou-se veículos (especialmente motos) dirigidos por meninos muito jovens. O irmão da mesma (com 11 anos na época) perguntou a idade de um garoto que dirigia uma moto, ao que ele respondeu ter 12 anos. A expressão de surpresa e empolgação que aquela informação causou na criança criada na vigilância constante de uma cidade de médio porte (assim como as crianças do condomínio), evidenciou o choque cultural diante de outra infância, marcada não só por uma liberdade muito maior, mas também aparentemente por uma transição mais rápida ao “mundo adulto”, que como sabemos, na nossa

sociedade tem como uma das marcas a possibilidade de dirigir (algo marcante quando observamos grupos de adolescentes).

Na observação realizada no condomínio a questão do espaço físico também foi algo marcante. A ausência de proteção para o sol e a chuva provocou a indagação acerca de qual o lazer dessas crianças nos períodos em que o clima está em algum dos extremos, principalmente pelo fato dos apartamentos serem muito pequenos. A relação criança e o espaço de que ela dispõe é algo que se mostrou muito importante durante o percurso das observações e que nos aponta para o que as mudanças que a sociedade tem promovido na infância, especialmente em relação aos espaços disponíveis e seus usos pelos pequenos. Nós nos subjetivamos e constituímos nossos laços sociais em certo ambiente, e as características do mesmo são fundamentais para o nosso percurso de desenvolvimento.

O acesso aos espaços abertos, à natureza e à liberdade no ambiente, assim como a possibilidade de brincar, externo ao contexto dos espaços institucionais, parece ter grande significância para a infância. Nesses lugares, é possibilitado às crianças manipular fisicamente e explorar o ambiente com intensidade, apartadas da vigilância e coerção dos adultos; descobrir desafios individuais, participar de brincadeiras em grupo e encontrar um refúgio das tensões dos relacionamentos interpessoais. (COTRIM *et al.*, 2009).

Outro aspecto que chamou atenção foram os carros dos condôminos, que costumam ficar sempre em frente aos prédios, e ao redor de toda esta área de lazer há o estacionamento, havendo um constante movimento de entrada e saída no espaço. Este seria mais um aspecto do espaço dos condomínios que mostra as áreas de lazer pensadas para uso de um grupo etário muito mais abrangente, não sendo pensada especificamente *para* a infância, e sim colocada no local de maneira *pro forma*. Para Rasmussen (2004), estes seriam exemplos de “lugares para crianças”, criados pelos adultos para uso infantil, em contraposição aos “lugares de criança”, criados e utilizados por elas mesmas. Os “lugares para crianças” fariam parte de uma tríade formada pela casa da criança, a escola e os locais de recreação oficiais projetados pelos adultos. Certamente que as áreas de lazer dos condomínios possuem este caráter de “lugares para crianças”, o que não significa que podem ser considerados por elas como os melhores lugares para brincar.

A divisão de gênero também foi observada em diversos momentos. Nas brincadeiras, nas vestimentas e na utilização do espaço. Foram observadas meninas utilizando roupas com padrão de feminilidade marcante, como os vestidos. Com relação ao último item, por exemplo, havia duas pequenas casas, uma rosa, na qual brincavam apenas meninas; e uma azul, apenas com meninos. Mesmo com os avanços femininos, especialmente na saída das mulheres para o trabalho, a sociedade ainda investe em padrões femininos como os de delicadeza e feminilidade, ainda que de forma encoberta conforme discutido por Biasoli-Alves (2000) a respeito das continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. Assim, poderíamos compreender o uso de vestidinhos e roupas delicadas pelas meninas, mesmo em *playgrounds*, no uso de escorregadores e demais brinquedos em áreas externas.

Os adultos também mostravam essa divisão de gênero, sendo mulheres em sua maioria. Apenas no final do período de observação alguns pais chegaram, e o fato que chamou atenção é que todos eram bastante jovens. Isto nos leva a supor que a divisão de tarefas e a consciência da necessidade de participar integralmente da vida dos filhos seja mais forte entre pessoas mais jovens, com mais acesso às informações sobre divisão de tarefas por gênero e mudanças sociais relacionadas.

Aqui, vale a pena apontar algumas questões referentes ao processo de socialização das crianças reconhecendo-o como um processo complexo e que merece análises mais detalhadas por meio de pesquisas e teorizações.

Seguindo o raciocínio da sociologia da infância, o processo de socialização não poderia se estabelecer com base em relações passivas entre as agências socializadoras<sup>1</sup> e as crianças. Não se trata, portanto, de uma programação na qual as influências culturais são transmitidas de forma passiva dos mais experientes, ou adultos, aos menos experientes, as crianças. Anthony Giddens (2005, p.42) chama atenção para a inter-relação de influências entre as gerações, ou grupos de idade, de tal forma que mesmo uma criança recém-nascida modifica seus pais. Isso ocorre não apenas quanto à rotina de cuidados, que precisa ser adequada às necessidades da criança pequena,

---

<sup>1</sup> Agências de socialização são grupos ou contextos sociais onde ocorrem os processos de socialização.

mas vai além disso. Para começar, a própria identidade<sup>2</sup> dos pais é alterada, já que estes passam a pensar em si mesmos como pais, e não mais como um casal. Além deste poderíamos citar outras tantas mudanças na concepção que os adultos têm sobre si e sobre o mundo que podem ser alterados pela chegada ou convivência com uma criança.

Dito pelo próprio Giddens (2005),

A socialização é um processo pelo qual os seres humanos se tornam agentes. Eles não são simplesmente sujeitos passivos à espera de serem instruídos ou programados. Os indivíduos concebem e assumem papéis sociais, no decurso de um processo de interação social. (GIDDENS, P. 42)

Podemos, então, observar o comportamento dos pais e mães das crianças observadas a partir desse novo papel que se interpõe a eles por meio da convivência com os filhos. Assim, participação nos momentos da criança, questões de gênero, divisão de tarefas, são apenas alguns aspectos do processo de socialização entre gerações que pode interferir nos papéis desempenhados pelos adultos e no aprendizado com as crianças e das crianças.

Conforme dissemos anteriormente, o trabalho observacional baseado em Robert Park, embora não nos ofereça material teórico para analisar os contextos observados, oferece um norteamento, direção, especialmente quanto às perguntas a serem feitas como algo fundamental a fim de se observar um fenômeno social, como a própria vinculação possível de ser feita entre os estudos da infância e a sociologia urbana. As crianças não se separam de seus contextos de vida, de sua cultura, tampouco de seu espaço. Assim, estudos sobre o lazer das crianças em conjunto com suas famílias podem nos trazer elementos valiosos sobre as infâncias vividas por elas.

## **Considerações Finais**

Apresentamos, neste texto, um relato de experiência com observação de crianças realizada em uma disciplina de graduação no curso de Psicologia. O objetivo foi partir da empiria como forma de levantar reflexões sobre as crianças no meio urbano, demonstrando a importância de observar o fenômeno em sua

---

<sup>2</sup> Para Anthony Giddens (2005,p.44), “a identidade está relacionada com os entendimentos que as pessoas têm acerca de quem são e do que é importante para elas.”

totalidade antes de partir para a sistematização investigativa ou teórica sobre o mesmo. Acreditamos que a proposta de Robert Park possa ser aproveitada como forma de aproximar o pesquisador de um campo empírico como a cidade e seus indivíduos, especialmente as crianças, e desta forma, contribuir para ampliar o debate sobre as infâncias e seus contextos.

O conhecimento sobre a criança e suas infâncias vem se consolidando em campos como a sociologia da infância, os estudos culturais, a geografia da infância, dentre outros, cujo objetivo de olhar para os fenômenos ligados à infância ou à criança em si mesma, confere um status político ao estudo dessa parcela da população. Ao estudarmos a criança em suas relações com o espaço urbano, nos deparamos com um conteúdo político implícito ou explícito de constituição de cidadania para os pequenos habitantes da cidade. Se as crianças reivindicam seus espaços, se fazem parte da cidade, são cidadãos que precisam ser reconhecidos como tais pela sociedade.

Também pretendemos destacar a necessidade de se observar o meio urbano para profissionais da Psicologia, visto que é onde os indivíduos se constituem e também se subjetivam. A observação, especialmente a naturalística, parece ser um método adequado para se alcançar esse objetivo, pois mesmo com o viés ideológico que direciona o olhar do observador existem maiores chances de se apreender a pluralidade do objeto de estudo. Também destacamos que a observação é um excelente método para se levantar indagações que podem resultar em novos problemas de pesquisa que lancem luz a diversos aspectos ainda não considerados.

Consideramos a contribuição deste trabalho para aqueles que se iniciam em estudos que envolvam observação, especialmente de indivíduos nas ruas e em meio ao contexto urbano, repleto de mudanças e de possibilidades, bem como para aqueles que se dedicam aos estudos da infância. A cada observação e a cada relato de observação parece se confirmar o pensamento de Park sobre uma cidade viva, adaptando-se, mudando e sempre guardando “novidades” a serem descobertas e trazidas ao campo científico.

## **Bibliografia:**

ALVES, Z. M. M. (1988). Das intercessões do quantitativo e do qualitativo. In: **Das intersecções do quantitativo com o qualitativo**, p. 487-492. Ribeirão Preto: RBG.

BIASOLI- ALVES , Z. M. M. Continuidades e Rupturas no Papel da Mulher Brasileira no Século XX. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 233-239, Set-Dez 2000.

CANO, D. S.; SAMPAIO I. T. A. O método de observação na Psicologia: considerações sobre a produção científica. In: **Interação em Psicologia**. v. 11, n. 2, p. 199-210. 2007.

CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Trad. Lia Gabriel Regius Reis. Porto Alegre: Artmed. 2011.

COTRIM, G.S. ; FIAES, C; MARQUES, R. ; BICHARA, I.. Espaços urbanos para (e das) brincadeiras: um estudo exploratório na cidade de Salvador (BA). In: **Psicologia: Teoria e Prática**. v.11, n. 1, p. 50-61. 2009

DANNA, M. F.;MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon. 2006.

DESSEN, M. A.; MURTA, S. G. A metodologia observacional na pesquisa em Psicologia: Uma visão crítica. **Cadernos de Psicologia**, p. 47-60. 1997

GIDDENS, A. **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 4ª edição. Porto Alegre: Artmed. 2005.

KREPPNER, K. Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. In: **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 97-107. 2001.

MARTINS FILHO, A. J.e BARBOSA, M. C. S. Metodologias de pesquisa com crianças. 2010.

NUNES , B. F.; MÜLLER, F.. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 35, nº. 128, p. 629-982, jul.-set. 2014.

PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: **O Fenômeno Urbano**. Org. Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Zahar. 1979.

RASMUSSEN, K. Places for children – Children’s places. In: **Childhood**, v. 11, n. 2, p. 155-173. 2004.

SANTOS, T. D. L. B. A abordagem do fenômeno urbano na escola de Chicago. In: **EFDeportes Revista Digital**. Ano 18, n. 185. Buenos Aires. Out. 2013.

<<http://www.efdeportes.com/efd185/fenomeno-urbano-na-escola-de-chicago.htm>> Acesso em 12/07/2016.